



7 DIAS sem...

MONIKA PEETZ

Tradução de Nanci Marcelino



*A presente obra respeita as regras do
Novo Acordo Ortográfico*

1

Era um daqueles dias. Eva já terminara o turno da manhã na clínica, os quatro filhos dela discutiam aos gritos sobre quem é que podia usar o computador e o marido, Frido, que prometera tratar do jantar, deixara-se ficar no escritório. Tinha de estar no Le Jardin dentro de uma hora e meia, com as francesas «dela». Há dias que Eva ansiava por esta noite descontraída com as mulheres dos jantares das terças-feiras. Passados dezasseis anos juntas, as cinco mulheres, que no início nada tinham em comum, exceto o desejo de aprender francês no Instituto Francês de Colónia, haviam desenvolvido uma grande amizade. Tinham ultrapassado tempestades, golpes do destino e uma viagem de peregrinação a Lourdes. Nem sempre era fácil estar com as amigas. Hoje, Eva enfrentava o problema da incerteza de conseguir encontrar-se com elas.

Eva lutava com uma lista infindável de afazeres e com os seis horários da sua família. Voltara a exercer medicina após a viagem de peregrinação. Infelizmente, a água da fonte sagrada nem transformara o marido Frido num príncipe da culinária nem fizera com que os três adolescentes na puberdade e a criança de dez anos passassem a ajudar de livre e espontânea vontade nas tarefas domésticas.

...

Eva não pensou em nada de bom assim que a campainha tocou. Toda a gente que frequentava a casa dela com regularidade sabia que a porta estava sempre aberta. Com quatro filhos com tendência crônica para perderem as chaves e uma vida social intensa, tratava-se de pura defesa. Só havia uma pessoa que fazia questão de tocar à campainha e de esperar que lhe abrissem a porta pessoalmente. Eva suspirou. Não havia qualquer dúvida, só podia ser a mãe dela. Desde que Regine se reformara há um ano e meio, estava sempre absolutamente disponível para Eva. Sempre em demasia. Absolutamente em demasia. Aos pequenos rituais convencionais, como o do telefonema antecipado a anunciar a visita, já ela renunciava.

Regine não tocava à campainha, Regine enviava toques de código Morse que faziam lembrar a marcha triunfal da ópera *Aida*. Eva amava a mãe. Só que não amava sempre. E certamente não amava numa primeira terça-feira do mês, quando já combinara com as amigas — tal como desde há dezasseis anos — de se encontrarem no Le Jardin. Eva desejou ser capaz de simplesmente dizer não. Em vez disso, forçou um sorriso e abriu a porta. Descontraidamente à porta, estava uma rapariga hippie de 62 anos, de saia comprida até ao chão com uns grandes folhos e várias correntes com berloques enormes à volta do pescoço. Sob um chapéu de verão de abas largas, espreitavam umas longas tranças louras. Regine trazia ainda umas sandálias de pele ao estilo indiano.

— A tua avó guardou todas as minhas coisas de antigamente — explicou Regine. — A roupa ficou tanto tempo no sótão que já se tornou moderna outra vez.

Regine vivia há anos na casa que herdara dos pais em Bergisch Gladbach. Como recém-reformada aparentemente desocupada, atualmente direcionava toda a energia dela para o sótão sobrelotado em que ninguém entrava há décadas.

— Típico da geração que passou pela guerra. A tua avó Lore não conseguia meter nada no lixo — disse Regine. — Continua tudo lá, todo o meu passado. Vá, diz lá: o que é que achas da minha indumentária?

— Tenho de estar no Le Jardin daqui a uma hora — opôs-se Eva sem firmeza.

A necessidade de falar de Regine sobrepunha-se à sua empatia. Agitou no ar um livro amarelado pelo tempo.

— Encontrei um velho livro meu no sótão. Medicina tradicional chinesa. Muito elucidativo — disse Regine e começou a caminhar em direção à cozinha.

— Acho que emagreci — continuou, erguendo a saia e examinando o fato de treino largo de Eva. Bastou esse olhar para despertar a consciência pesada de Eva. Há anos que lutava contra calorias, quilos e a imagem que o espelho refletia. Eva ficava feliz quando conseguia realizar metade das tarefas da lista de afazeres diários. Pelo caminho ficavam, basicamente, pontos como «ir para a clínica de bicicleta», «inscrever-me no ginásio» ou «começar, finalmente, a dieta do ananás». O guarda-vestidos dela assemelhava-se a um museu dedicado à rapariga magra que fora outrora. Infelizmente, da Eva magra não restara grande coisa. Mesmo quando era magra, sentira-se gorda. Para Eva, as idas às compras com as amigas das terças-feiras eram um tormento. Provadores sem espelho, etiquetas que só iam até ao tamanho 36 e calças que, mesmo no tamanho XXL, ficavam extremamente justas. Enquanto as amigas regressavam a casa com sacos cheios, normalmente Eva voltava com uns óculos de sol, um lenço e um tabuleiro de bolo de manteiga.

«Nunca se tem que chegue de uma mulher de quem se gosta», consolava-a Frido quando Eva não conseguia apertar o fecho de um vestido. A mãe costumava ser menos contida. Nesse momento, deixou-se ficar por um olhar. Queria falar de outro assunto.

— Não fazia ideia da quantidade de recursos que o Ocidente desperdiça — disse Regine entusiasmada. — A nossa sociedade está em declínio. E tudo só porque temos uma visão errada sobre a questão da doença.

Para Eva era indiferente por que é que o Ocidente estava em declínio. Antes de poder ir para o Le Jardin, tinha de pôr a louça e a roupa a lavar nas respetivas máquinas. Se não tratasse da roupa suja antes do jantar, Frido-filho iria para a aula de educação física em roupa interior e Frido-pai iria para a reunião da administração sem camisa.

— Já me informei — prosseguiu Regine. — É possível fazer formação adicional em Medicina Natural Chinesa. Formação profissional. Era interessante para ti.

Eva frequentara inúmeros seminários para atualizar os seus conhecimentos médicos. Só de pensar em mais cursos quase a fazia desfalecer.

— Eu ponho a roupa na máquina enquanto tu te arranhas — sugeriu Regine, cujos olhos de águia já tinham reparado no cesto da roupa suja. — Bebemos uma chávena de chá e depois desapareço. — Regine tirou um pacotinho do saco de pano bordado colorido.

— Chá da alegria e da espontaneidade — leu. — Especial para ti.

Eva era uma médica estimada, que conseguia tranquilizar os pacientes, consolar familiares nervosos e gerir uma família de seis pessoas para além das 19,25 horas de trabalho. Mas no que dizia respeito à mãe, ficava indefesa.

Enquanto trocava de roupa apressadamente no quarto, esforçava-se para ouvir o que Regine andava a fazer na cozinha. Nunca era garantido se ela não aproveitaria para otimizar a ordem no interior dos armários. Regine aconselhava Eva em todos os aspetos da vida. De forma gratuita e espontânea. O discurso animado ocultava o modo intenso como a mãe se metia na vida dela. As frases de Regine começavam com aforismos como: «Tu sabes que sou tolerante, mas se posso dar-te um conselho...», «É claro que deves fazer como queres. De qualquer forma, dou-te algo em que pensares...».

As visitas espontâneas que Regine fazia a Eva tinham o efeito de um tornado de intensidade média. Aparecia repentinamente do nada, arrastava a vida de Eva e deixava um rasto de destroços emocionais. Até à visita seguinte. O que era pior: as intenções de Regine para com Eva eram de facto boas. Depois de dois matrimónios falhados, casos amorosos infelizes e o fim da carreira profissional irregular, Regine ansiava por ser importante para alguém.

Chlap, chlap, chlap... Ouviam-se as sandálias de Regine pela tijoleira da cozinha, acompanhadas pelo tilintar constante das correntes ao pescoço. Eva ouviu o abrir e fechar de gavetas, água a correr e a cafeteira a ser posta ao lume. Depois, a porta da cave rangeu. Regine desceu as escadas a assobiar alegremente até à lavandaria. A seguir um palavrão, um grito de gelar o sangue, o barulho do cesto da roupa a cair, batendo contra o corrimão, um estrondo surdo e depois mais nada. Nenhum passo. Nenhum som. Nada. O coração de Eva parou. Saiu do quarto a correr e lançou-se para as escadas, com uma perna das calças de ganga enfiada e a outra a arrastar pelo chão atrás dela.

— Mamã! — gritou na direção da cave. — Diz alguma coisa. Mamã! — Eva sentiu-se a perder força nas pernas. Regine era cansativa, mas era uma pessoa sempre cheia de vida e de planos. Isto não podia acontecer agora. Agora não. Nunca. Por que é que não se sentara com a mãe na cozinha a beber um chá? Por que é que deixara a tarefa de tratar da roupa suja a Regine? O som monótono dos jogos de computador, típico do barulho de fundo de muitas tardes, cessou. As quatro crianças tinham-se reunido no hall. Frequentemente, Eva ficava com a impressão de estarem grandes e crescidas. Agora estava a olhar para quatro pares de olhos de crianças assustadas.

— Vocês ficam aqui — ordenou sem hesitar. Ao ouvirem aquilo, nenhuma delas tentou ir à cave para ver o que acontecera à avó.

Aquele silêncio aterrador. Que nada lhe tivesse acontecido. Que estivesse tudo bem com Regine. Do subconsciente mais profundo de Eva

emergiu um pensamento inesperado: *Agora nunca mais vou descobrir quem é o meu pai.* Eva ficou horrorizada consigo mesma, enquanto desceu até à cave com as pernas a tremer. Há anos que Eva era assolada pela questão da sua própria origem como o ir e vir das marés. Havia alturas em que andava tão ocupada com a sua própria vida que as circunstâncias em que esta começara acabavam por perder a importância. Depois havia fases em que acreditava que não podia crescer sem conhecer as suas raízes. Durante a adolescência, sentira uma falta dolorosa do pai e nem sequer sabia como é que ele se chamava. Regine sufocava todas as perguntas com um silêncio tenaz. Será que era desilusão que deixava Regine muda? Rai-va? Tristeza? Seria mágoa? Por que é que o pai dela não queria ser pai? Até chegar junto da mãe, foi espantosa a quantidade de pensamentos que teve ao mesmo tempo naquele instante tão breve.

Regine jazia no fundo das escadas, numa posição estranhamente torcida. De repente, Eva percebeu que, sem ela, nunca mais obteria uma resposta para aquela questão vital. Um segundo mais tarde, tornou-se claro que Regine também não lhe daria qualquer explicação.

A mãe contorceu-se com dores. A perna esquerda estava virada para fora, Regine não conseguia ficar deitada, nem sentada, nem de pé. Só praguejar:

— Não vou para o hospital — soou bastante vigorosa enquanto Eva se debruçava sobre Regine. — De maneira nenhuma!

— Chamem uma ambulância — gritou Eva para o andar de cima.

Eva esqueceu-se que era terça-feira. A primeira terça-feira do mês. Subitamente ficou totalmente calma. Como médica, sabia o que fazer.

2

— **M**as onde é que estão as senhoras? — perguntou Luc. O proprietário do restaurante francês olhava, intrigado, na direção da porta. Judith fora a única a aparecer no Le Jardin à hora combinada. Não tinha família, nem um parceiro, nem um emprego exigente. Não tinha nada nem ninguém que a impedissem de chegar a horas. Ficar sentada sozinha a uma mesa posta para cinco pessoas era uma tortura para Judith. Inquieta, mexia-se incessantemente na cadeira. Sentia os olhares compadecidos dos outros clientes. Se, pelo menos, tivesse um *smartphone*. Quem estava online aparentava ser uma pessoa ocupada e importante. Judith apenas possuía um telefone velho com que nada mais se podia fazer senão receber e fazer chamadas e enviar e receber mensagens escritas. E mesmo para isso raramente o ligava. Por causa da radiação — e porque não adiantava de nada. Desde que o marido morrera, o telefone passava a maior parte do tempo em silêncio.

— **Q**ueres que te traga já alguma coisa? — indagou Luc. Judith abanou a cabeça. Detestava comer sozinha.

— A Caroline deve estar a chegar — consolou Luc. — Ela é sempre pontual.

— Provavelmente, a Caroline ainda deve estar com algum cliente — disse Judith.

A bem-sucedida advogada criminalista trabalhava mais do que nunca desde a viagem de peregrinação.

«Pergunto-me se a Caroline percebe de todo que vive separada do marido», costumava brincar Estelle. Judith não se ria. Era a última a fazer piadas sobre Caroline. Afinal, Judith tivera uma contribuição vergonhosa para o fracasso do casamento de Philipp e Caroline. Quando Arne morrera de cancro, ela procurara consolo nos braços do marido de Caroline. No início Philipp fora o médico de família dela, depois passou a conselheiro e amigo e, por fim, a amante. O caso secreto de ambos fora descoberto na viagem de peregrinação. Como se veio a saber, ela não fora a única nem a última amante dele. Philipp desapareceu da vida de Judith. A consciência pesada, porém, permaneceu como sua companheira diária. Infelizmente a única.

Luc serviu-lhe um pequeno prato de entradas. Ele era simplesmente maravilhoso. Judith trabalhava quatro dias por semana ao serviço do Le Jardin desde a viagem a Lourdes. No entanto, na primeira terça-feira do mês passava a ser servida como cliente. Antigamente, um trabalho no setor da gastronomia era considerado stressante. Hoje em dia, o Le Jardin parecia-lhe mais como uma ilha dos bem-aventurados. Enquanto empregada de mesa, Judith tinha um dos poucos trabalhos em que a expressão fim do expediente ainda significava alguma coisa. Ao contrário das amigas, não precisava de estar constantemente em todo o lado e a toda a hora a responder a emails ou disponível para esclarecer dúvidas. Até mesmo Estelle, que, como mulher de um farmacêutico rico, podia dar-se ao luxo de desistir do trabalho e de delegar todas as tarefas desagradáveis, andava stressada. Sem ser muito sensata, ficara na organização da grande gala de caridade do clube de golfe, num cargo de responsabilidade. Desde então que andava sob pressão. Só a questão do que deveria vestir para este evento dava-lhe cabo da cabeça.

— Elas ainda vêm — consolou Luc, ao trazer um segundo copo de *Prosecco*. — Por conta da casa.

Era uma pena não poder apaixonar-se por Luc. Judith tentara falar com ele sobre os problemas dela uma única vez. Do problema de achar não estar à altura das amigas.

«Eu entendo isso», respondera Luc, apresentando o seu olhar mais profundo. «Isso também me acontece sempre que o Colónia defronta o Bayern.»

...

Judith ficava contente por, tal como ela própria, pelo menos Kiki também lutar por alcançar o equilíbrio. Kiki, a designer, para além do sucesso que tivera com o projeto de uma coleção de jarras, trouxera uma recordação especial da viagem de peregrinação que tinham feito juntas. Essa recordação chamava-se Greta, tinha seis meses e meio e tornara-se o motivo pelo qual tudo se tornara mais sério com Max Thalberg do que com os inúmeros pretendentes anteriores. Nessa altura, Max só tinha 24 anos e, ainda por cima, era o filho do chefe de Kiki. Entretanto, ex-chefe. O indesejado sogro de Kiki esperara que ela passasse pela vida do filho e herdeiro qual bronquite aguda, grave mas passageira, no entanto, a chegada rápida da neta Greta desiludira-o. Kiki e Max partilhavam a cama, a mesa, a casa e os problemas económicos. E, ainda assim, achavam que Greta era o melhor que alguma vez lhes acontecera na vida. Judith invejava a vida feliz e preenchida das amigas.

Quando cambaleou até casa, às nove e meia, com quatro copos de *Prosecco*, um prato de pão e paté de azeitonas no estômago e sem ter estado com nenhuma das amigas, Judith descobriu que recebera quatro novas mensagens. Não lhe apetecia nada ler porque é que nenhuma das amigas conseguira ir ao Le Jardin. «Não podemos continuar assim», escreveu. «Vamos viajar alguns dias juntas, antes que o dia a dia consuma tudo.»

3

Viajar? Agora? Com as amigas? Eva não levou a mensagem de Judith muito a sério. Não tivera tido mais tempo para pensar desde que Regine caíra. Hospital, urgências, radiografias — tudo tinha de ser feito muito depressa. Por sorte, Regine não partira o pescoço, apenas o colo do fémur. O comprimento da bainha, que já não correspondia ao comprimento do corpo dela, e que fizera com que tropeçasse, indicou o que os exames dos dias seguintes comprovaram. Mesmo apesar de Regine não querer reconhecê-lo, não foram as escadas extremamente perigosas de Eva mas uma osteoporose pós-menopausa que lhe custara alguns centímetros de altura e provocara o tropeção desastroso.

«Uma doença crónica que surge depois da menopausa e cujo desenvolvimento origina a redução gradual da massa óssea», explicou Eva o mais delicadamente possível. «O esqueleto torna-se instável e poroso. De vez em quando, os ossos partem.»

«A avó tem alguma coisa relacionada com a menopausa», publicou a filha mais nova de Eva na conta de Facebook, depois de Eva ter contado à família por telefone o que acontecera. «Mas não tem nada a ver com o mau tempo.»

«É uma doença típica da idade», dissera, sem grande tato, o médico que a tratara.

— Não vou permitir que seja o falinhas mansas incompetente a tratar-me — decidiu Regine. Preferia ir para outro hospital. De preferência para o hospital onde a filha trabalhava. Assim, Eva poderia ir vê-la com mais frequência durante as horas de trabalho dela.

— Eu trato disso — prometeu Eva. E tratou de tudo: da transferência, dos pormenores de organização, da longa lista de coisas de que Regine precisava para sobreviver ao tempo que teria de passar no hospital e à saia com folhos.

— Queima-a — determinara Regine. — Queima a roupa antiga toda. A tralha toda do sótão tem de desaparecer.

«**A** tua avó guardou todas as minhas coisas de antigamente», as palavras ecoaram na mente de Eva durante a viagem de carro para ir buscar as coisas de Regine a Bergisch Gladbach. «Continua tudo lá, todo o meu passado.»

Quando era mais nova, costumava aproveitar todas as oportunidades que tinha para bisbilhotar os documentos desorganizados de Regine, em busca de pistas sobre o progenitor dela. Assim que a mãe ia de férias e Eva ficava a cuidar das plantas e da correspondência, desatava a esquadrinhar nas caixas de papelão em que Regine guardava credenciais, certificados e cartas. A ideia de procurar no legado dos avós é que nunca lhe ocorrera.

Para Eva, Bergisch Gladbach tanto parecia estranho como familiar ao mesmo tempo. Passara os primeiros cinco anos da vida dela em Bussardweg com os avós. Três gerações debaixo do mesmo teto. Eva era uma criança ilegítima com uma mãe menor de idade. Nos anos sessenta, isso era motivo para se ouvirem mexericos maliciosos entre os vizinhos. Um dia depois do vigésimo primeiro aniversário dela, Regine fugiu para Colónia com a pequena filha. Seguiram-se então aquilo a que Regine chama atualmente de «os meus anos de loucura». Impelida pela vontade voraz de viver, experimentou tudo o que encontrou pelo caminho: modos de vida, trabalhos, homens, ideologias. Muitas dessas coisas não eram nem próprias nem boas para crianças. Tal como antigamente, Eva continuava a passar muito tempo em casa dos avós em Bergisch Gladbach. Regine deixava-a muitas vezes semanas seguidas em casa da avó Lore e do avô Erich, enquanto ela própria procurava o equilíbrio e o sentido da vida em eremitérios indianos.

Por fora, a casa geminada simples em Bussardweg praticamente não mudara desde que Eva frequentara o infantário. Tudo naquela casa era quadrado, reto e racional: janelas divididas com seis pinázios, uma volu-

mosa janela de sótão saliente no telhado em bico sem outras janelas, um alpendre robusto com escadas e uma coberta de tijolos. Descomplicado, austero e reto como o avô, que fora chefe de contabilidade da fábrica de máquinas Anton Dorsch. O buda no jardim e a grinalda indiana colorida não faziam esquecer o facto de que a construção já tivera melhores dias.

«Porque é que a Regine não a pinta?», perguntava Frido sempre que iam visitá-la.

«Não há dinheiro, não há voluntários», resumia Eva a situação.

A fúria de renovação que nos últimos anos afetara as casas construídas para o antigo pessoal da fábrica de máquinas passara sem deixar rasto no reboque acinzentado das casas. Até mesmo os acordes de guitarra ruidosos e a bateria ribombante que soavam na garagem do lado pareciam uma saudação do passado: «Love me tender, love me sweet», murmurava uma voz grave masculina.

Mal Eva acabara de estacionar o carro, já o portão da garagem se abria. O vocalista da banda de reformados «Schmitz & Amigos», um senhor com praticamente 70 anos com óculos de armação de osso preto, patilhas e cabelo que lhe caía sobre o pescoço e os ombros, ouvira Eva chegar.

— O que é que se passa? Aconteceu alguma coisa à Regine? Ontem à noite não veio para casa.

Henry Schmitz era alguns anos mais velho do que Regine. Os pais de ambos tinham trabalhado juntos na fábrica de máquinas. Já em crianças, tinham vivido ao lado um do outro e continuavam a viver agora na condição de herdeiros. Tinham sido jovens juntos. Agora envelheciam juntos. Cada um na respetiva metade da casa geminada.

— A Regine não veio ao churrasco de ontem à noite. Estamos muito preocupados — chamou a mulher dele, a rechonchuda baixinha Olga Schmitz, da janela da cozinha. O controlo social do bairro funcionava na perfeição.

Eva conhecia o casal vizinho desde sempre. A queda que Regine dera das escadas e o pensamento repentino na figura paterna ausente fizeram com que o passado dela viesse à superfície. E sentimentos que pensava ter deixado para trás há muito tempo. Voltou a sentir-se como a menina que observava a família vizinha com inveja. Os Schmitz eram a família tradicional que Eva nunca tivera: pai, mãe, três meninas, sensivelmente

da mesma idade que Eva. A animada e pequena senhora Schmitz, que já quando era mais nova era bastante redonda, andava sempre de avental. Ela cozinhava, tricotava e costurava, enquanto Henry Schmitz brincava alegremente com as filhas no jardim. Em casa da avó Lore lia-se a *Bíblia*, os vizinhos cantavam canções da moda. O avô dela era o garanhão da administração; Schmitz, o pragmático. Sabia fazer de tudo. Trocar lâmpadas, construir casas em árvores e remendar pneus de bicicletas.

«Jamais quero viver como os Schmitz», dizia Regine frequentemente nos anos iniciais em Colónia. Enquanto ela navegou pela história mundial, continentes e vidas, Schmitz seguiu o caminho de todos os Schmitz. Trabalhava em Dorsch. Para Regine, o epítome do tédio da classe média: «Intelectualmente, ele nunca saiu de Bussardweg. A vida inteira com uma mulher e uma empresa. É horrível!»

Eva achava ambos maravilhosos. Schmitz levava-a uma vez para a escola em Colónia, num dia de chuva, no *Opel Kapitän* turquesa dele. Tinha nove anos nessa altura e foi a primeira vez que Regine desapareceu durante semanas. Eva não disse nada quando as colegas curiosas o tomaram pelo pai misterioso dela. Imaginou que fora confundida com a filha mais velha dele. Afinal de contas, ela gostava muito mais de música do que a menina vizinha. Quando Schmitz cantava ruidosamente canções populares com as filhas, secretamente Eva cantava com eles. Às vezes, quando agora se sentava com os quatro filhos dela na sala de estar, com David ao piano, Lene com a guitarra e Frido Jr. e Anna a cantar, Eva lembrava-se de como ouvira as canções ansiosamente quando era criança. Estava feliz por ter deixado aquela menina solitária para trás. Chegara ao sítio onde se fazia música. Na sua própria família.

— Vou fazer um bolo — decidiu a senhora Schmitz, depois de Eva ter contado a história da queda de Regine. — Bolo de sementes de papoila. A Regine gosta muito.

A senhora Schmitz acreditava que era possível curar praticamente tudo com bolo.

— Amanhã vamos visitá-la ao hospital — confirmou Schmitz.

— A minha mãe vai ficar contente. — Eva acenou positivamente com a cabeça. Era a verdade. Amigos, amores, preferências, modas e décadas tinham passado por Regine a correr. Os Schmitz permaneceram. O casal da casa do lado demonstrara uma amizade fiel ao longo dos anos. E

até nem eram assim tão enfadonhos quanto Regine achara inicialmente. Desde que Schmitz se reformara, criara uma banda de garagem com três antigos colegas.

«Schmitz & Amigos» atuavam regularmente em casamentos, festas familiares e aniversários de empresas. Tocavam em inaugurações de farmácias, em zonas pedonais e centros comunitários. Olga Schmitz fornecia a indumentária artística.

— Se tiveres tempo — disse Schmitz — no mês que vem tocamos em Gummersbach.

Como sempre, tudo acontecia em Bussardweg. Eva ignorou o toque do telemóvel dela. As amigas das terças-feiras, que queriam perguntar por Regine, tinham de esperar. Estava na altura de pôr as coisas em ordem. No sótão e na vida dela.

4

Ao longo de 7600 gerações, guardar bens foi a estratégia mais racional para se precaver contra as vicissitudes da vida. A avó de Eva estava pronta para tudo. Num armário alto estavam penduradas as roupas de hippie de Regine. Num outro, a avó Lore guardava uma pasta para casos de emergência com documentos importantes de identificação, bancários e de vacinas não fosse rebentar uma crise ou uma guerra, papel de embrulho usado, atacadores de reserva castanhos, azuis e pretos, embalagens grandes adquiridas a bom preço, envelopes com e sem janela e as decorações de Natal juntamente com as fitas com chumbo dos anos sessenta, que Eva alisava fervorosamente e embrulhava em papel de jornal depois do Dia de Reis quando era criança. Todas as cartas, todas as etiquetas com os nomes que se colocavam nos presentes, todos os documentos oficiais, todos os postais eram meticulosamente arquivados. Eva esperava descobrir alguma coisa sobre a sua própria origem ali no sótão.

Camada após camada, Eva mergulhou no pó do passado e nos documentos da infância e da juventude de Regine. A cada documento, Eva aproximava-se cada vez mais do momento do seu próprio nascimento. O envelope de uma carta em que o avô agradecia a Anton Dorsch pelo contrato de aprendizagem de Regine deu-lhe uma primeira pista.

No dia 1 de janeiro de 1965, Regine começou uma formação como governanta na casa de repouso para crianças da fábrica do castelo de Achenkirch. Eva conhecia a história de Anton Dorsch. Como muitos empresários da geração dele, propôs-se cuidar dos funcionários dele, mesmo

fora do trabalho. A dedicação social de Anton centrava-se especialmente nos filhos dos funcionários e empregados. A casa de repouso para crianças fundada por ele ficava em Franken e era dirigida pela sua irmã. Durante o tempo de formação de Regine, ela escreveu alguns postais a partir de Achenkirch. Foi então que caiu a bomba: com 16 anos de idade acabados de fazer, Regine estava grávida. Em meados dos anos sessenta, aquilo era uma declaração de falência moral e a morte social num só.

Na carta de demissão da diretora Frieda Dorsch, esta escreveu furiosamente que: «É impossível permitir que uma pessoa tão libertina lide com as nossas crianças necessitadas de repouso.» Regine saiu de Achenkirch em desgraça e regressou para casa dos pais. No dia 22 de janeiro de 1966, nasceu Eva. No certificado de nascimento não era dada qualquer indicação do pai.

Eva estava a guardar novamente a pasta «Cartas» no armário do sótão quando caiu um envelope de dentro dela, que ficara no fundo. A carta estava endereçada à avó: *Para entregar à senhora Regine Beckmann*. No selo esbatido percebia-se a data. 1993. Dentro do envelope estavam três fotografias a preto-e-branco do tempo de Regine em Achenkirch e um postal com a paisagem de um castelo que coroava uma aldeia. «Não pode ser coincidência, querida Regine», lia-se na parte de trás, numa caligrafia masculina confiante e angulosa. «Regressei ao castelo de Achenkirch, na rádio está a passar Doris Day e o Emmerich traz caixas cheias de fotografias antigas para o pedido de subvenção. E num instante estarás novamente sentada à janela. Tens vontade de ver o nosso novo castelo antigo? Apesar de tudo o que aconteceu? Talvez, talvez, talvez. Um beijo, do teu Leo.»

Eva não fazia ideia se a mãe alguma vez recebera a carta.

— **P**orque é que estás a chorar, mamã? — perguntou Anna. — A canção é assim tão triste?

*You won't admit you love me. And so how am I ever to know?
You always tell me perhaps, perhaps, perhaps,*

cantava Doris Day num videoclip no Youtube. Apanhada em flagrante, Eva pegou num lenço de papel. — A canção fala sobre dois apaixonados, que nunca se encontram, porque nunca dizem a verdade um ao outro — explicou Eva. Limpou as lágrimas freneticamente.

— Mas tu encontraste o papá — acalmou Anna a mãe de forma compassiva.

— Eu sim, mas a avó...

Pensativa, Anna observou as fotografias que Eva encontrara no sótão. Na primeira via-se parte de uma fachada medieval. Uma porta, três janelas altas num muro denso. No meio estava sentada Regine, com as pernas penduradas para fora. Na segunda, estava ela no meio de um grupo de crianças, à frente de um mastro enfeitado. Uma terceira fotografia fora tirada num espaço abobadado. Regine estava em cima do placo com um microfone na mão: uma rapariga jovem, que sorria para a câmara de forma provocante e despreocupada. Na parte de trás da fotografia, a mesma caligrafia que Eva já vira na carta escrevia: «Talvez, talvez, talvez».

— Tens os olhos dela. Mas a avó é muito mais magra — disse Anna pensativa.

— Talvez seja parecida com o meu pai — presumiu Eva. — Também devo ter herdado alguma coisa dele.

— Comida saborosa — sugeriu Anna. — A avó não sabe cozinhar. Deixa cozinhar tudo durante tanto tempo até se tornar puré. No fim, mete especiarias por cima e diz que é indiano.

Será que o pai dela sabia cozinhar? Seria ela parecida com ele? Teria ela traços da personalidade dele? Por volta das três horas da manhã, quando tinha a certeza de que ninguém a incomodaria, Eva escreveu as duas palavras funestas no Google: «Castelo Achenkirch». Um segundo depois abriu-se uma página da Wikipédia. Após uma história repleta de vicissitudes como castelo feudal, abrigo de ladrões e salteadores de estrada, como residência de uma família nobre, base militar, campo de refugiados e casa de repouso para crianças, o castelo estava vazio há praticamente 20 anos. Em 1988, o «Organismo comum para a preservação do património cultural da Francónia» assumiu o monumento, que estava entregue à ruína. Em 1993, o castelo foi reaberto sob a forma de hotel. Eva voltou a clicar na página inicial. Atualmente, em vez de uma alimentação calórica e repouso para crianças afetadas pela guerra, o castelo oferecia um programa eclético. Tudo era possível: congressos, festas de família, casamentos, programas de descontração. Havia semanas dedicadas ao bem-estar, seminários meditativos de silêncio, cursos de relaxamento e jejum terapêutico. No entanto, não se encontravam informações sobre os funcionários e os proprietários no *website* do hotel. Só havia um nome na ficha técnica: Leonard Falk.

Seria aquele o homem de quem ela estava à procura? Quando era criança, todas as noites, na hora de dormir, Eva imaginava histórias em que o pai dela aparecia e lhe explicava todos os equívocos, com palavras cuidadosamente pensadas. Imaginara-o como o líder de um grupo de rebeldes sul-americanos, como cozinheiro num cargueiro, como trabalhador humanitário altruísta em África. Os olhos dela encheram-se de lágrimas. Judith tinha razão. Estava na altura de fazer a viagem anual das amigas das terças. Todas elas mereciam uma pausa do dia a dia. E porque não em Achenkirch? Uma semana de jejum terapêutico parecia magnífico. E se, por acaso, nesses sete dias conseguisse descobrir algo sobre as origens dela, ainda melhor.

6

— Jejum terapêutico! Era bom para todas nós, não acham? — sugeriu Eva sinceramente.

Passara uma semana desde a queda nas escadas. Judith insistira em repetir o encontro, para se fazer as coisas como devia ser e finalmente determinarem um destino para a viagem anual, adiada várias vezes por causa de Greta. Para grande espanto de todas, foi Eva quem fez a despesa da conversa.

— O jejum terapêutico não é uma mera dieta, uma redistribuição das calorias — explicou Eva —, é um conceito fiável sobre a concentração mental para eliminar uns quilos a mais.

Ela até já encontrara o sítio adequado para isso. Tinha de ser Achenkirch. — Um castelo no Vale de Altmühl. Isolado, solitário, selvagem e romântico. Ideal para nós — declarou com absoluta convicção. — Não temos de procurar mais.

Caroline ficou estupefacta com a veemência com que Eva fez a sugestão. Normalmente, a Agora-Novamente-Médica Eva costumava estar absorvida pelo dia a dia dela. Não era capaz de fazer planos a longo prazo.

«Estou de acordo», porém, costumava ser a resposta que dava no que se tratava de fazer planos para a viagem anual das amigas das terças. Quando eram as férias privadas, basicamente seguia o que os quatro filhos e o marido queriam. Eva acabava muitas vezes em hotéis exclusivos demasiado caros, em que animadores patologicamente bem-humorados

a encontravam sempre assim que acabava de adormecer na espreguiçadeira.

Nos encontros à terça-feira, Eva justificava a sua postura à defesa: «O que é que eu ganho ao impor a minha vontade e todos os outros ficarem infelizes?» A síndrome de estar sempre disponível para os outros nunca a abandonava. Mesmo no serviço dela no hospital, tornara-se na primeira pessoa a quem contactar quando se tratava de juntar os colegas para aniversários, casamentos e outros casos de alegria ou de tristeza da vida.

«Não é de admirar que me falte o gene do sacrifício», dissera Estelle mordazmente. «A Eva tem-no a dobrar!»

A mulher mimada do farmacêutico era perita a evitar tarefas desagradáveis e a dedicar-se exclusivamente às coisas boas da vida: o cuidado de si própria. Normalmente, sugeria um hotel terrivelmente caro com tudo incluído e que dava ares de estragar uma pessoa com mimos.

Antes de Estelle poder falar, Eva estrepitou os argumentos que tinha. Lamentou loquazmente os quilos que ganhara no Natal, os do ano anterior, que se tinham mantido nas ancas ao longo de todo o verão, e os do ano seguinte, que, sem dúvida, ganharia.

— No REWE, em Klettenberg, já meteram os primeiros bolos de gengibre nas prateleiras — queixou-se. — É em setembro que sabem melhor.

Caroline ficou preocupada com o tiroteio verbal de Eva. Por mais que quisesse, não conseguia imaginar que a apaixonada cozinheira Eva estava realmente entusiasmada por renunciar a comida durante sete dias. Por causa de um par de quilos? Eva era médica. Sabia perfeitamente que se recupera rapidamente o peso que se perde a fazer jejum durante uma semana. Porque é que Achenkirch era importante para Eva?

A ideia de uma cura de jejum em conjunto animou de tal modo as amigas das terças, que, à exceção de Caroline, nenhuma das amigas se apercebeu do quão estranha era a investida de Eva. Na questão do peso, as amigas tão diferentes entre si estavam sempre de acordo.

— Tamanho zero em sete dias? Conta comigo — afirmou Estelle. Andava numa luta com o vestido *Chanel* novo, que escolhera para a grande gala de caridade do clube de golfe. — Na loja, servia-me na perfeição — reclamou. — Mas agora já nem consigo sentar-me com ele vestido. Muito menos se quiser respirar ao mesmo tempo.

Judith, a mulher das terças-feiras com veia espiritual, não tinha qualquer sugestão própria. Em vez disso, ficou entusiasmada com os efeitos mentais da renúncia física.

— Dizem que o jejum nos deixa num estado extático — disse, fascinada. — Absolutamente sem drogas.

— Também me dava um bocadinho de jeito — confirmou Kiki, que continuava a lutar contra os restantes quilos que adquirira durante a gravidez.

Antes de Caroline ter conseguido entender o que estava por detrás do intervencionismo feroz de Eva, a amiga voltou a surpreendê-la uma segunda vez.

— Porque é que não viajamos agora? — propôs Eva. — Já na próxima semana.

— E os teus filhos? — indagou Caroline. Não estava a entender nada.

— Seja como for, com eles nunca dá — explicou Eva sucintamente.

Caroline lutara durante 16 anos para convencer Eva a participar na viagem anual das amigas das terças, apesar das obrigações familiares. Dezasseis anos a dar sermões à amiga, para que educasse a família, de modo a que fossem mais independentes. E agora, Eva deixava-se levar, tão entusiasmada, pela espontaneidade? Sem nenhuma preparação caracterizada por precisão militar? Sem passar uma semana inteira a preparar comida para deixar pronta? Sem páginas inteiras de instruções, que explicavam como a família podia sobreviver a tempos de crise sem a mãe? Sem sentimentos de culpa? O comportamento de Eva estava tão estranho que as outras lá perceberam.

— Queres deixar o Frido sozinho com os miúdos? Assim tão facilmente? — interrogou Estelle, espantada.

— E a tua mãe? — interrompeu Judith. Há uma semana que Regine estava numa cama de hospital com os ossos partidos e um potencial inabalável para afetar os nervos de qualquer um. Precisamente no serviço em que Eva trabalhava. As amigas das terças sabiam como Eva cuidava intensamente da mãe.

Só Kiki ficou calada. Max enviara-lhe um email.

— Ela consegue fazer ioga — escreveu ele. Por baixo estava uma fotografia de uma Greta adormecida, deitada de barriga para baixo. Cruzara os braços gorduchos de bebé à frente da cabeça, tinha os joelhos dobrados e o cuzito com fralda no ar. Kiki ficou emocionada. Nunca na vida imaginara que uma fotografia de um bebé seria capaz de a deixar com lágrimas nos olhos. Mesmo sendo perfeitamente perceptível onde é que Greta se sentira tão confortável: estava deitada na diagonal no lado da cama de Kiki.

— Sou a favor do jejum imediato — declarou Kiki. — Menos um par de quilos e consigo ficar confortavelmente ao lado da Greta na minha cama.

— Quem é a favor? — forçou Eva uma decisão rápida. Em apenas alguns segundos ergueram-se quatro dedos no ar. Em segundo plano, Luc apressou-se a abrir uma garrafa de champanhe. O acordo inesperadamente rápido, que normalmente era regado com uma garrafa de *Veuve Clicquot*, apanhou-o de surpresa. Nos dezasseis anos em que as amigas das terças vinham ao estabelecimento dele, nunca tinham conseguido optar por um destino comum em menos de uma hora de discussão acesa. Caroline continuava a pensar naquilo. Alguma coisa não estava bem.

— O jejum não é adequado para perder peso. Mas é o ideal para a introdução de um novo comportamento alimentar e um modo de vida mais saudável — explicou Eva, como se Caroline precisasse de mais argumentos.

Desde a viagem de peregrinação juntas pelo Caminho de Santiago que Caroline ficava surpreendida com muitas das coisas que as amigas faziam. E ainda mais surpreendida ficava Caroline com aquilo de que ela própria era capaz. Mas preferia não falar sobre isso. Nem sobre o sentimento estranho que tinha em relação ao plano de Eva. Nem sobre a chave do quarto de hotel que trazia na carteira. Nem sobre o homem que estava à espera dela no Hotel Savoy. Em vez disso, acenou com a cabeça. — Fazer jejum? Porque não? Tudo quanto for purificação e desaceleração faz-me bem.

— Virar — disse Eva. — À esquerda. Tens de virar à esquerda. À esquerda!

Dez dias depois do encontro no Le Jardin, as amigas fizeram-se à estrada a caminho de Achenkirch. Se lá chegariam, já era questionável. O carro seguiu à mesma velocidade e passou pela bifurcação. Caroline, que como sempre era quem conduzia quando as amigas das terças viajavam, carregava obstinadamente no acelerador. O caminho não era complicado, mas Caroline continuava com a cabeça em Colónia. Tal como Kiki, que finalmente teria uma entrevista de trabalho e só se juntaria a elas ao final da tarde.

— Hotel do Castelo de Achenkirch. Quinze quilómetros. Estava bem claro — reclamou Eva. Três viragens falhadas e o eterno Ter-de-se-orientar-outra-vez naquele mapa nada prático para tempos livres *Danúbio-Valle de Altmühl* estavam a dar cabo dos nervos dela, tal como a música celestial de relaxamento que Judith escolhera para que a viagem estivesse em sintonia com a semana de férias.

— Desliga essa música monótona e liga o GPS — aconselhou Estelle, olhando sonolenta por debaixo da máscara fria para os olhos. — A vida pode ser tão simples, se deixarmos o trabalho para os outros.

— Ofereci o GPS ao Philipp como presente de despedida — admitiu Caroline. Fora uma indireta para o futuro ex-marido, que insistia que o seu sentido de orientação inato ultrapassava qualquer aparelho eletrónico. Philipp sabia como contornar o trânsito que se formava depois do

trabalho em Colónia, escapar às obras permanentes na ponte Severin ou encontrar a casa de férias escondida no Sul de França. Melhor do que Caroline e melhor do que a tipa do GPS, que o confundia com os penetrantes «vire assim que possível». Philipp não seguia conselhos e Philipp não virava. Tinha as suas próprias ideias de como se orientar pela cidade e pela vida. No fim não fora a tipa do GPS que acabara com o casamento de Caroline mas as longas filas de mulheres com que Philipp se desviara da fidelidade conjugal. O equilíbrio da vida de Caroline apresentava-se dececionante: era uma notável advogada oficiosa de sucesso, mãe de duas crianças já crescidas e desde as viagens de peregrinação voltara a fazer parte do grupo fiscal das pessoas solteiras. «Vive permanentemente separada» era o nome do estado indeciso na gíria administrativa. Caroline tinha imenso que processar: Judith, por quem tinham ido em viagem de peregrinação, Judith, a lolita delicada e recém-viúva amiga e confidente de longa data de Caroline, traíra-a: fora uma das inúmeras amantes de Philipp. O verdadeiro milagre de Lourdes foi o facto de as amigas das terças terem sobrevivido à traição de Judith. Do casamento de Caroline já não se podia dizer o mesmo.

«Precisas de mais orientação do que eu», dissera Caroline ao deixar o GPS em cima da mesa em jeito de despedida. Em vez do aparelho, levou o bom velho mapa de papel para a viagem anual das amigas das terças. Primeiro, seguir pela A3 desde Colónia em direção a Nuremberga, depois continuar pela A9 até à saída para o Vale de Altmühl. Caroline devia ter virado em Kipfenberg...

— Ali. Ali debes poder virar. Porque é que não viras? — indagou Eva. A cabeça de Caroline não estava ali. Com uma manobra abrupta, conduziu o carro para o «Miradouro de Achenkirch».

— Porque aqui tem-se a melhor vista sobre o vale — mentiu Caroline, grata pelo pretexto inesperado.

A vista era de cortar a respiração.
— É como um conjunto de construção da Märklin — gritou Estelle bem alto. Um vento forte fez com que os cabelos e folhas do outono se lançassem contra o seu rosto. Sombras e cones de luz apareciam e desapareciam a grande velocidade ao longo de campos, bosques e zimbrais. No fundo do vale, serenos e protegidos estavam o rio e a aldeia de Achenkirch, onde as casinhas típicas brancas e cinzentas com os telhados planos se encontravam encostadinhas umas às outras. Das chaminés erguia-se fumo, que se perdia por entre as copas das árvores de cores vibrantes.

Sobre elas projetavam-se falésias calcárias escarpadas e espetacularmente íngremes de um branco sujo. Era na selada da montanha que estava o destino da viagem delas: o castelo de Achenkirch. Seiscentos anos de uma história variada materializaram-se em muros densos de pedra rugosa cinzenta totalmente coberta de verde, nas ameias e nas canhoneiras, nos torreões e nas reconstruções, adições e restaurações semelhantes a castelos. Uma torre de menagem imponente arranhava as nuvens rapidamente arrastadas pelo vento.

— Não parece ser muito acolhedor, pois não? — observou Estelle. Pelas expressões faciais das amigas, Caroline percebeu que a chegada ao castelo foi igualmente caracterizada por sentimentos contraditórios. Relaxar, purificar, adelgaçar: era a ordem do dia. Caroline estava contente por ter deixado para trás o seu dia a dia frenético. Sete dias sem emails e telefonemas urgentes, sem clientes complicados e juizes impacientes, sem montanhas de ficheiros e horas extraordinárias, sem compras de última hora na estação de serviço, sem dias de aniversário da família, sem ter de levar o carro à revisão, sem lâmpadas sem abajur na casa. Quinze meses depois de se divorciar de Philipp, as lâmpadas continuavam a baloiçar-se qual assombração no teto da pequena casa de dois quartos e lembravam-na da realidade: viver permanentemente separada. Sete dias sem homens e sem obrigações familiares, sem crises bancárias, baixas do Euro e reformas fiscais. Infelizmente, também sem alimentos sólidos. Ia fazer jejum só porque sim.

Caroline decidira fazer muito mais do que abdicar, durante uma semana, de comida, dos doces de conforto e do vinho vespertino, que a embalava até adormecer. Quem descontrai ganha horas livres: tempo para si, tempo para as amigas, tempo para conversas e confissões. Se Caroline quisesse manter a amizade com as amigas das terças, tinha de confessar às amigas a volta peculiar que a vida dela dera.

— Uma propriedade tão conceituada e não tem uma cozinha decente — suspirou Estelle.

— E que tal uma última refeição? — sugeriu Eva. Caroline acenou com a cabeça. Ao olhar para a pálida Eva, percebeu que não seria a única a ter de dar explicações sobre algo nos próximos dias.

A aldeia de Achenkirch irradiava uma sensação de conforto sonolento. Dos 1235 habitantes que, segundo o *website* do município, deveriam habitar o lugarejo francês, apenas alguns foram avistados antes do meio-dia de sexta-feira. O carteiro fez a ronda dele, dois pescadores à linha estavam na margem do rio calmo. Os nadadores só se afastavam um pouco, de tão lentamente que corria a água do Danúbio. A aldeia dormia no fundo do vale, encaixada entre duas escarpas. A padaria Josef Fasching, que, para além de pão e pastéis, também vendia vegetais enlatados, sopas em pacote e salsicharia celofanada, estava fechada para almoço. O salão de cabeleireira «Pente e tesoura» estava fechado devido a uma viagem dos funcionários. Um anúncio avisava que o pessoal fora a Munique para um seminário de um dia sobre tendências no Wella Studio, para receberem formação sobre a «rainha das disciplinas: o louro». Nas ruas contorcidas da aldeia, que nem tinham semáforos nem caixas multibanco, algumas mães evidentemente jovens tinham ido buscar os filhos ao infantário para almoçarem em casa.

— Se existir algum restaurante, de certeza que está junto à igreja —
— Prenunciou Caroline e apontou para a torre com cúpula bulbosa, que pairava sobre as casas da aldeia. Assim que chegou a Achenkirch, a tranquilidade de Eva desapareceu. A voz de advertência tornou-se mais

alta: o que é que aconteceria se realmente encontrasse o pai? Ou, pior ainda: o que é que aconteceria se não o encontrasse? O que é que ela já tinha? Uma carta misteriosa com a letra de uma canção, um nome, três fotografias e a certeza de que Regine não poderia meter-se no caminho dela a partir do hospital.

«**A** Regine não pode ficar a saber de nada disto», dissera a Frido, o único confidente dela.

Eva receava a perspicácia analítica de Caroline e as perguntas curiosas de Estelle. Queria manter em aberto a opção de voltar atrás a qualquer altura.

Eva imaginou a mãe em Achenkirch. Teria ela comprado pãezinhos doces na padaria? Seria o salão «Pente e tesoura» responsável pelo penteado gigante tipo torre que aparecia nas fotografias? Será que Regine se escapulia secretamente à noite, pela porta das traseiras, para ir ter com um amante? Qual das casas albergara um segredo? A cor das fachadas ia alternando entre um branco sujo, bege e tons ocres, como se os habitantes tivessem concordado em não chamar a atenção de modo algum. Em parte alguma se via um azul berrante, um vermelho jovial ou o mais insignificante mau gosto em lilás ou pastel. Os mais ousados plantavam gerânios numa roda antiga de carroça, pregavam pássaros migratórios de ferro nas paredes das casas ou optavam por vedações compostas por plantas.

— Isto tresanda a gnomo de jardim — disse Estelle com desagrado. Eva entendeu o que ela quis dizer.

«Em Achenkirch anda-se na linha», sussurraram-lhe as flores delimitadoras, organizadas de forma simétrica, dos jardins da frente das casas. Aqui era tudo limpo, organizado e controlado. Como é que Regine se encaixara neste ambiente? Aquela rapariga, cujos olhos brilhavam com a diversão e o amor pela vida? Ainda hoje Regine se distinguia por uma certa inquietação. Andava sempre à procura de novas experiências e aventuras. O que é que uma aldeia como Achenkirch poderia oferecer a uma adolescente ávida de vida? O painel publicitário da comunidade gasto pelo clima anunciava poucas alternativas. Além do horário do autocarro para a discoteca ao sábado e de centenas de agramos enferrujados, num ponto mais isolado estava pendurado o poster dos Bombeiros Voluntários de Achenkirch, que convidava para a festa dos 46 anos da sua fundação, comemorados na semana seguinte. Quando as quatro amigas estavam a passar pelo centro da aldeia com a estátua em homenagem aos refugiados de guerra alemães dos Sudetas, depararam-se com um grupo de pessoas.

Com a participação animada da população, os bombeiros içavam coberturas de plástico pesadas às riscas azuis e brancas por cima de uma estrutura de aço, que acabaria por formar a tenda para a festa. Um homem mais velho com cabelo branco rapado e rosto coberto de rugas profundas estava em cima do muro da igreja a registar os progressos com uma *Leica* antiga. No lado oposto ao do cemitério e da igreja encontrava-se a única estalagem da aldeia: o Pato Bravo. A inscrição na fachada em letra gótica antiquada proclamava orgulho por o estabelecimento datar do ano de 1500.

Eva ficou contente por não ter de fazer outros passeios pela aldeia. «Acho que vai ser uma viagem bastante calma», dissera sinceramente a Frida durante a despedida. «O que é que tenho a perder? No máximo, alguns quilos.»

Na verdade, não achava que nada fosse ser calmo. Nem os quilos que tinha a mais, nem a procura pelo pai.

— O acompanhamento dos escalopes com cogumelos? Só o arroz? — vociferou a voz de bagaço da proprietária da estalagem através do conforto da viga de madeira. A mesa dos clientes habituais do Pato Bravo, onde meia dúzia de reformados só falava sobre o destino político da autoridade local, comentava resultados de futebol e bisbilhotava sobre o casamento da cabeleireira, ficou repentinamente em silêncio. Não era todos os dias que, no final de setembro, quatro mulheres atraentes apareciam perdidas na pequena estalagem. Os senhores idosos não queriam deixar passar nada de importante.

— Por favor, não ponha molho e os legumes só cozidos em água — completou Judith o pedido, intimidada. Depois do encontro no Le Jardin, comprara as leituras adequadas na livraria esotérica onde costumava ir. Os livros tinham títulos como *Purificar de Forma Deliciosa*, *Renascida através do Jejum* ou *Fazer Jejum: Hiato para Corpo, Mente e Espírito*. Com estes conselhos, Judith aprendera o quão importante era uma preparação minuciosa e consequente redução da alimentação mesmo antes do jejum propriamente dito. Arroz e legumes eram a mistura ideal para um dia de alívio da carga.

— Para mim é o folhado de maçã caseiro — decidiu Eva, ignorando o olhar fulminante de Judith.

— Com ou sem folhado? — perguntou a proprietária da estalagem,

determinada. A voz grossa dela dava a entender que apreciava mais do que um vício, as rugas do sorriso revelavam que desfrutara de cada um. De certeza que a renúncia e a abstinência não faziam parte do mundo dela. No Pato Bravo, uma dieta rica em fibra, por exemplo à base de arroz, legumes estufados e comida vegetariana crua, não se qualificava como refeição.

— Lá porque o meu apelido é Körner¹, não quer dizer que só me alimento de grãos — observou a anfitriã de forma sarcástica.

— A Roberta é rígida — ouviu-se uma voz ao fundo. — É melhor não se meter com ela.

Eva virou-se para trás. O idoso com o cabelo branco à escovinha e a máquina fotográfica seguira as amigas das terças até ao restaurante. Sentara-se à mesa dos clientes habituais e sussurrara algumas coisas incompreensíveis. Ninguém se dera ao trabalho de tentar entendê-lo e ele pareceu nem sequer esperar obter qualquer reação. Os homens daquela mesa tinham a idade certa. Passou pela cabeça de Eva que qualquer um deles podia ser pai dela.

— Sopa sem guarnição — pediu Estelle.
— A anfitriã percebeu finalmente o que se passava: — Vocês são lá de cima. Do castelo — constatou.

Apontou o dedo indicador na direção da construção medieval de pedra. O tom de voz dela soou como se se tratasse de uma doença grave.

— Vamos para lá — confirmou Estelle.

Roberta ficou satisfeita. Ficarem hospedadas no castelo bastava como explicação para qualquer aberração, vegetariana ou de outro tipo.

— Um escalope com cogumelos castrado, uma salada de vegetais crus, uma sopa de batata sem almôndegas e uma maçã — resumiu o pedido das amigas das terças sem qualquer outro comentário. Para as pessoas lá de cima havia regras diferentes das que eram aplicadas às pessoas do vale.

Ao balcão, duas raparigas pediram gelados para os filhos pequenos.

— Ao que parece, as gravidezes durante a adolescência são um passatempo em Achenkirch — verificou Caroline.

Estelle entendia perfeitamente a formação precoce de famílias: — Achas que há alguma coisa melhor que se faça aqui?

— Jejuar — observou Judith. — Foi para isso que viemos, certo?

¹ «Körner», para além de ser o apelido da senhora, também significa «grãos». (N. da T.)

O olhar de Caroline passou imediatamente para Eva. Só ela poderia responder à pergunta do porquê de ter de ser naquele fim do mundo. Mas Eva esquivou-se, baixando-se. Uma espreitadela rápida debaixo da mesa revelou que Eva escondera clandestinamente o menu juntamente com a capa de couro estampada a ouro à antiga na carteira. Caroline não era a única que estava a observar Eva. Quando Eva saiu de debaixo da mesa, com o rosto corado, viu-se um flash. O homem do cabelo à escovinha fotografou-a sem pedir autorização.

— Deixa os clientes em paz, Emmerich — repreendeu Roberta o fotógrafo. — Peço desculpa — desculpou-se ela às amigas das terças. — O meu cunhado não é bem certo da cabeça.

— Como é que se chamava o fotógrafo? — quis certificar-se Eva, com voz trémula. — Emmerich?

— Que nome estranho — confirmou Judith.

Como se isso fosse importante. Mas o que é que era importante? Antigamente Caroline teria abordado o assunto. Antigamente estava casada com Philipp, pensava que tinha um bom casamento e que tinha a vida, o trabalho e a família sob controlo. Antigamente fora há 15 meses. Caroline recostou-se e piscou o olho a Eva de forma cúmplice. Não duvidava de que Eva confiaria nela quando chegasse a altura certa.